

GADWEL



**AMOSTRA  
GRÁTIS**

**DENTES  
GARRAS**

LENDAS DO CONTINENTE

Gadwel

Lendas do Continente  
Dentes & Garras

(Amostra Grátis)

Copyright © Gadwel 2023

**Lendas do Continente: Dentes e Garras (Amostra Grátis)**

1ª Edição

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meios eletrônicos ou mecânico sem consentimento e autorização por escrito do autor.

Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor e foram usados de forma fictícia. Qualquer acontecimento com outras pessoas, vivas ou não, acontecimentos, localidades é mera coincidência.

**AUTORIA E DIAGRAMAÇÃO:** Gadwel

**CAPA:** Gadwel e Débora Paulino

# Nota do Autor

Esta é uma amostra grátis, contendo apenas algumas das mais de 300 páginas de Lendas do Continente — Dentes e Garras. Para adquirir os volumes completos, acesse: [Lendas do Continente](#).

As Lendas do Continente são histórias de um mesmo universo, mas você não precisa seguir uma ordem específica para lê-las; então não se preocupe com a ordem se essa for a sua primeira.

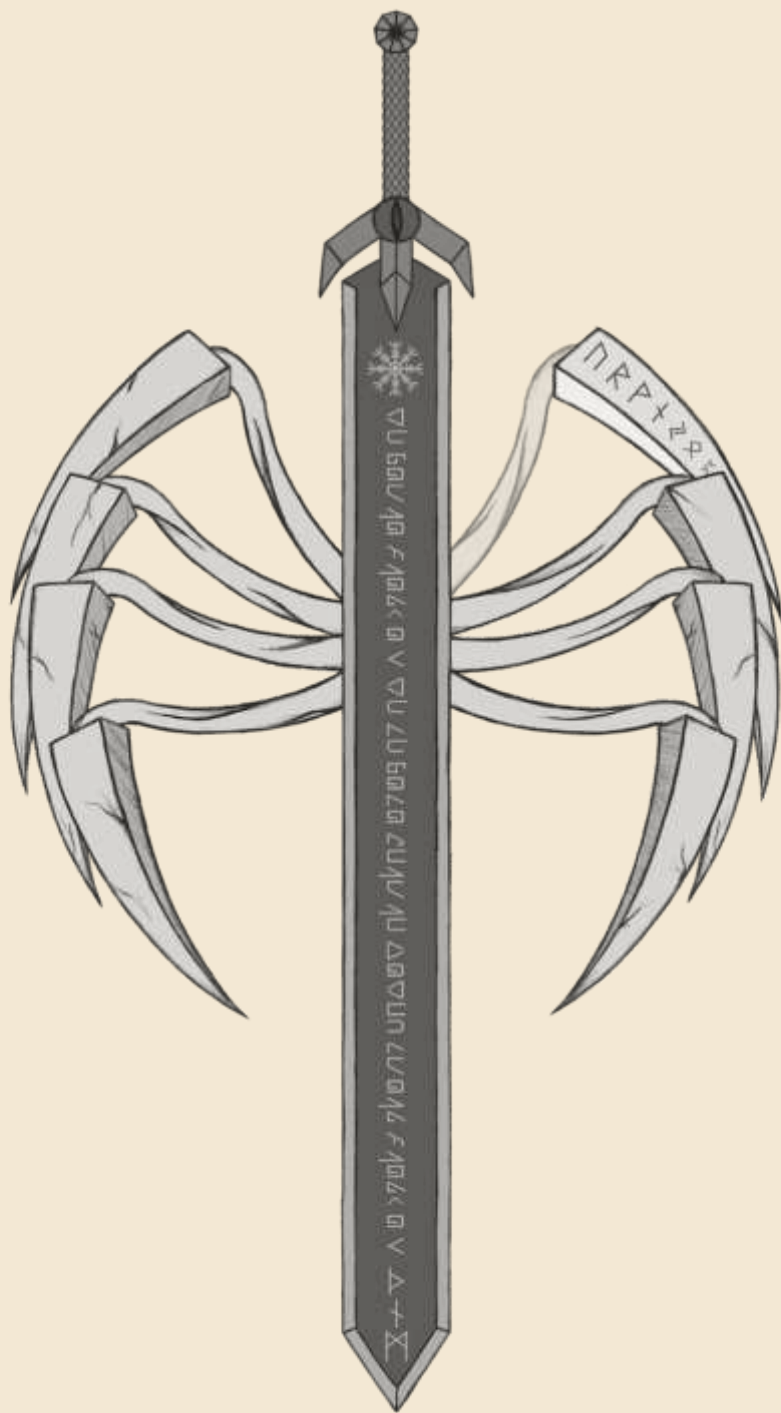
Esta é uma obra de ficção que contém cenas de violência e linguagem explícitas, pensamentos e idealizações suicidas e é adequado para o público adulto.

## Versões:

Claire: 1.0.9

Glen: 1.0.8

Dentes e Garras: 1.0.8



# Lendas do Continente

# Dentes e Garras

Amostra grátis

## Claire

Prólogo Lar ..... 9

## Glen

Prólogo Castigo ..... 19

Capítulo I Família..... 20

Extras e referências..... 31

Claire..... 32

Glen..... 33

Glossário..... 35

Mapas e Plantas ..... 38

# Claire

Um berserker é um monstro antigo  
que existe em todos os que carregam o Sangue de Udra.  
É algo incontrolável feito de medo, tristeza e raiva.  
Por isso, é a mais pura natureza humana.





## Prólogo

# Lar

**Hugel, Kohan — dois séculos depois do início da retomada.**

**D**uzentas primaveras após o auge de sua crise, o conjunto de países entendidos como Kohan se reerguia. Mais da metade do seu território original fora retomado pelos verdadeiros donos e os reinos inimigos recuavam vagarosamente ou formavam acordos pacíficos, terminando de uma vez com o conflito. Demorando o mesmo tempo que caiu, a terra colinosa renascia. A aparição do primeiro guerreiro berserker e a aliança com a ciência foram os responsáveis por isso.

Entre os lugares reconquistados, existia Hugel, uma vila aos pés de pequenas montanhas. Nela não havia mais de cem habitantes plantando, colhendo e vivendo, o que se mostrava um sonho se comparado à agonia do passado. Estranhamente, antes de o povoado ser reerguido, enquanto permanecia sob domínio de Wolfhi, era um terreno vazio. Não se sabia o motivo de antes não existirem habitantes em uma terra tão boa. Mas, por estarem acostumados com o temor da guerra, os novos residentes decidiram encarar aquilo como um presente, não tendo que reconstruir suas vidas sobre cadáveres.

Então, o motivo para os antigos moradores temerem tanto aquele lugar acordou entre as montanhas.

Claire estava sentada no topo de uma das colinas, olhando para o grande campo de girassóis aos pés das montanhas. Sentia os raios do sol atingirem pacificamente o seu rosto, anunciando o meio-dia. A brisa balançava gentilmente seu cabelo longo e claro, o que a diferenciava da maioria dos kohanianos. Ao seu lado, existia uma pequena armação de madeira repleta de galhos, os quais serviriam de lenha futuramente.

Depois de poucos minutos de descanso, ela se levantou, limpando a sujeira que restava em sua roupa. Virando o rosto ao outro lado, pôde ver sua vila no vale. Várias construções novas e semelhantes, com partes rústicas misturadas aos detalhes na madeira de carvalho; todas erguidas nas laterais de uma rua principal. Podia reconhecer a sua mais distante, a penúltima da rua, próxima à fonte da entrada.

Não havia muitas pessoas no vilarejo, nem mesmo uma centena. Porém, cada um trabalhava em algo para sua vila. Claire escutava as vozes ao longe conversando entre si, batidas agudas ao ferro, serras indo e voltando junto a marteladas. Ouvia os animais grandes no celeiro e alguns pequenos transitando junto das pessoas na rua. Não era um lugar luxuoso, mas perfeito para chamar de lar.

Não haviam se passado muitas primaveras desde o nascimento de Claire e, assim como para todos os outros habitantes, a vida apenas começava naquele mundo novo. Existia muito trabalho duro a ser feito; mas, próxima da sua família, esse peso se tornava invisível. Todos trabalhavam juntos para um bem maior enquanto respiravam um sonho.

A garota via o sol, quase tão disposto quanto os aldeões, iluminar a vila que crescia. Ela simplesmente apreciou o momento. Não havia medo em seu passado — diferente da maioria dos colonos — e seus pensamentos sobre o futuro ainda estavam incertos; mas, para ela, isso não era motivo para se preocupar. Tudo o que importava era o presente.

Devagar, brisa cessava. A pequena aproveitou para se abaixar e pegar a armação, tirando toda sua atenção do vale e do sol. Inspirando profundamente, ela se pôs pronta para mais um dia. Até enxergar sua mãe muito longe na rua principal, correndo em sua direção.

Claire ainda não conseguia ouvir o que a mais velha dizia, mas via o seu rosto com nitidez: ela estava apavorada.

A criança sabia que sua mãe era muito preocupada com sua única filha, e tudo que conseguia pensar como razão para aquele pavor era sua demora em voltar para casa. Ainda assim, o desespero era exagerado. Aumentando sua concentração, notou que sua mãe a chamava aflita, fazendo-a se apressar em descer para acalmá-la, mostrando que não havia perigo. Então, um grave rugido veio das montanhas.

Uma revoada de pássaros nasceu em meio aos picos. Aquela sensação atravessou a alma da pequena que correu instintivamente. Pela primeira vez na sua vida, Claire sentiu medo. Seu passo desenfreado a fazia chegar cada vez mais perto de sua mãe, que corria tanto quanto. Logo, um novo grito, mais profundo e duradouro, ressoou, podendo ser sentido pela criança. Em resposta, ela olhou para trás, procurando pelo predador. Sua vista não estava nítida devido à adrenalina, mas pôde enxergar algo entre os picos; diferia de tudo que conhecia: a imagem de uma pessoa alta e vermelha, com algo se retorcendo em suas costas.

Antes de virar o rosto para frente, Claire foi agarrada com força pela sua mãe, que tremia igual à filha. Em seguida, a pequena quase caiu ao ser puxada bruscamente pelo braço, iniciando uma corrida desesperada na rua principal.

A criança notou que todas as pessoas fugiam apavoradas para dentro de suas casas, as trancando rapidamente. Ela permaneceu confusa e assustada, apenas escapando junto da outra aldeã. Antes que conseguisse perguntar qualquer coisa, ouviu um grave assovio se aproximando, vindo

de algo pesado que se deslocava pelo ar. Então, de repente, houve um estrondo há poucos metros de ambas, fazendo mãe e filha tropeçarem enquanto uma grande nuvem de poeira era criada.

Claire deixou a armação cair e os galhos se espalharam com a força da queda. Seus ouvidos zuniam em um tom agudo e a visão duplicava por alguns segundos. Incapaz de raciocinar direito, ela se abaixou para pegá-los, sendo interrompida por um novo puxão que insistia para abandoná-los.

Continuando a corrida, as duas já estavam bem próximas de casa; até ouvirem um segundo assobio tão rápido quanto o primeiro; dessa vez atingindo a residência ao outro lado da rua, lançando destroços para todas as direções, fazendo-as cobrir o rosto rapidamente e fugirem para dentro de morada.

A mulher bateu violentamente a porta, se certificando de trancá-la, e abafando o caos afora. Enquanto tossia e apertava os olhos irritados, os pensamentos de Claire ficavam mais perturbados. Esperava ao menos uma resposta vinda de sua mãe, mas ela estava tão assustada e perdida quanto a filha. Em seguida, a mais velha se apressou com a menor para próximo de uma das colunas. A pequena conseguia ver a aflição no rosto da outra, e aquilo fazia com que seu corpo esfriasse, a deixando incapaz de agir.

Em seguida, a mãe agachou, ficando à altura da criança, logo a abraçando com muita força. Aquela curta demonstração de afeto pareceu demorar uma era: a pequena sentia os braços quentes de sua protetora a cobrindo, mas também sentia sua impotência tentando esconder os tremidos.

Cortando aquela sensação, a mulher se tornou apreensiva repentinamente. Claire não entendeu o motivo, até ver seu pai saindo de um dos cômodos, estranhamente calmo e embainhando uma adaga em seu cinto.

Desfazendo o abraço, a esposa esbravejou, iniciando uma discussão. Em choque pelo que acabara de acontecer, a criança não conseguia ouvi-los com nitidez; tudo que entendia eram algumas palavras sobre o passado de seu pai. Claire sabia que ele esteve na fronteira há muito tempo e que escondia algo, mas independentemente do que fosse, estava enterrado em seu passado.

A cada argumento longo e desesperado que a mulher dava para impedi-lo, o homem respondia sério e com poucas palavras. Ela tentava pará-lo de toda forma que podia. Mas ele estava determinado.

A mãe deu um grito de ultimato, caindo de joelhos. Em resposta, ele gentilmente a levantou, e abraçou fortemente seu corpo estático e rosto perplexo.

Soltando sua esposa, o pai foi até a filha e passou calmamente a mão sobre os cabelos loiros. Em seguida, andou em direção a porta, a destrancando, fazendo com que o caos afora fosse revelado mais uma vez. E, olhando para trás, esboçou um leve sorriso ao olhar sua família. Claire sentiu aquele gesto pesar em seu peito, incomum para a personalidade séria dele; talvez, por ser a última vez que o veria.

Devagar, a mãe fechou a porta, escorando as costas na madeira e deslizando ao chão com as pernas já sem forças. Seu rosto perdido desabou em lágrimas. E procurando consolá-la, a filha foi em sua direção e a abraçou como antes; sendo correspondida imediatamente.

Ouvindo um barulho incomum, a pequena se atreveu a olhar por uma fresta na porta. Assim, em meio a poeira levantada, uma nuvem de vapor se formou; dentro dela, surgiu um vulto que cresceu rapidamente. A criança pôde sentir um novo rugido estremecer o chão; desta vez, diferente do que vinha das montanhas. E, da mesma forma que apareceu, a fera sombria partiu em desafio aos picos.

Aqueles momentos permaneceriam na mente de Claire por anos. A aflição que tinha, os gritos e explosões que ouvia, os urros das duas criaturas desconhecidas lutando afora e a frágil proteção que sua mãe oferecia. Os minutos se estendiam cada vez mais, chegando a durar eternidades.

Até o rugido mais antigo ser ouvido novamente; agora mais forte, como o de um animal depois de uma vitória. Ao escutá-lo, a mãe arregalou os olhos, fazendo a filha sentir um aperto mais forte.

O assoalho voltou a tremer espaçadamente, ficando mais forte a cada impacto, denunciando que algo se aproximava. A mãe não conseguia mais ouvir os gritos do outro lado da porta, fazendo um suor frio escorrer pelo corpo. A aflição em proteger sua criança crescia mais a cada batida. Então, quando já muito próximo da passagem, a criatura parou; deixando um silêncio sufocante como se desaparecesse.

Claire viu a fraca luz que passava pela fresta ser tapada, a fazendo se espremer no colo da mãe, deixando-a sentir sua própria respiração ofegante e escutar ambos os corações batendo tão alto que tapavam seus ouvidos. Em resposta, um grave rosnado veio de fora.

Bruscamente, um estrondo aconteceu no cômodo ao lado e a poeira invadiu a casa. Apavorada, a pequena gritou de medo, tendo sua boca tapada imediatamente pela mãe. Uma grande sombra foi refletida entre o pó, e algo bateu fortemente a morada por cima, seguindo até a porta.

De uma vez, a entrada em que mãe e filha estavam encostadas foi arrombada, jogando ambas para dentro da sala. Sem ter onde se apoiar, Claire bateu a cabeça com muita força no pilar do cômodo, fazendo com que seus sentidos ficassem confusos. Sua audição sumiu e a visão perdeu o foco rapidamente. Conseguia ver o vulto de sua mãe tentando acordá-la, mas não conseguiu ouvi-la.

A pequena sentiu uma leve vibração abaixo de si, junto a um som irreconhecível. Ao abrir os olhos, notou que a sua mãe não estava mais lá.

Claire viu partes de algo enorme passando entre a poeira, mas não entendia o que era. Sem pensar direito, estendeu o braço e tentou chamar por sua mãe, mas não conseguiu escutar a própria voz.

Partes do telhado começaram a estalar. E ao fechar os olhos mais uma vez, sentiu vários pontos de seu corpo doerem; porém, tudo parecia distante, como se ela estivesse em anestesia.

Abrindo as vistas novamente enxergou apenas alguns feixes de luz a atingindo, passando entre vários obstáculos. Ela fazia força para se levantar, mas o corpo não respondia. Seus braços e pernas começaram a formigar e uma dor indescritível nascia em seu peito.

O que via e ouvia estava cada vez mais longe e silencioso, demonstrando que o caos havia cessado. Algo molhado escorria de sua boca e a respiração pesava.

Ela piscou mais algumas vezes, agora incapaz de sentir o tempo passar entre cada instante que acordava. Seu medo de morrer crescia junto a ciência do ocorrido.

Poucos momentos depois, começou a escutar vozes. Havia outro grito quase inalcançável à criança; mas, em vez de em desesperados como antes, eram chamados. Escutava passos de pessoas indo e voltando, subindo e descendo; esses sons ecoavam profundamente em sua cabeça.

Claire quis chamá-los, mas não tinha forças. Tentava gritar, mas o máximo que conseguiu foi emitir fracos gemidos que quebravam as palavras. Então, tudo que pôde fazer, foi estender a mão trêmula, esperando ser alcançada.

Estava quase impossível de manter os olhos abertos e seu fôlego gelava a boca, até que conseguiu sentir algo próximo de seu corpo, movendo os destroços. A pequena teve medo de que tudo a sua volta desabasse ainda mais. Seus sentidos voltaram a sumir, deixando que ela apenas pudesse enxergar uma sombra à frente, impossível de ser reconhecida; tendo apenas uma silhueta definida por raios de luz vindos de trás de si.

Então, com o seu último suspiro, a pequena implorou pela sua vida, fechando os olhos em seguida. Assim, sentindo um formigamento em sua mão estendida, algo como uma mordida.



# Glen

Você pode curar os cortes mais profundos em seu corpo.  
Pode equilibrar os pensamentos mais caóticos da sua mente.  
Até controlar a mais desumana emoção.  
Mas nunca fará o mesmo com o mundo a sua volta.



## Prólogo

# Castigo

**P**assaram-se décadas desde o fim do conflito entre a Mão Santa e Widerstand. Com as suas raízes, a grande Yggdrasil definia a fronteira inquebrável entre o leste e oeste, defendida pelas criaturas mágicas invocadas em seu nascimento. Os reinos ao extremo leste não temiam mais os que mataram e escravizaram em nome Do Primeiro, selando um acordo inquebrável com os seres místicos.

As criaturas emergiram das cavernas, pântanos, montanhas e bosques; transitando entre os planos, tornando-se visíveis e tocáveis em maior frequência se comparado à época em que existiam apenas nas histórias. Alguns desses seres eram conhecidos pelas lendas contadas em todas as Terras do Leste; outros, nem mesmo os mais estudiosos sabiam da existência. Algumas entidades eram de luz, porém, assim como contado nas mesmas lendas, existiam as sombrias. Por esse motivo, as guildas que apenas recrutavam humanos, agora se abarrotavam com pedidos para captura ou extermínio de seres malignos como Trolls, necromantes ou dragões, fazendo com que campeões mais fortes como anões, elfos e magos surgissem; tanto pelo ouro quanto para manter a ordem.

Entre os místicos, existia um de uma raça distinta e pouco semelhante aos humanos: seus dentes eram pontiagudos como longos caninos. Havia longos membros que se dobravam as costas, chamados de vetores — oito no total —, e na ponta de cada um deles, uma grande garra afiada, idêntica a lâmina de uma foice. Era comum que hibernassem em cavernas profundas, se alimentando de tempos em tempos, podendo comer qualquer carcaça. Contava-se que, quando atacavam, invocavam uma forma abominável, que refletia sua fúria dilacerante; banhada em ódio. Tais criaturas, eram chamadas de raakshas, recebendo, de muitos, o apelido malicioso de “carniceiros”.

## Capítulo I

# Família

**H**á quilômetros da Yggdrasil, havia uma guilda de mercenários; taverna comum por todas as cidades. Esta era grande, com dois andares para ser exato. Ao térreo, uma larga área repleta de mesas espalhadas alinhadas era vista após entrar. Entre os pilares de madeira estavam suspensos lustres de velas, agora apagados devido à luz que entrava pelas várias ventanas. Ao fundo, um balcão, e ao lado direito, uma porta vai em vem, por onde os taberneiros deixavam a cozinha vaporizante. A esquerda, um relance de escadas davam acesso a um corredor perpendicular no segundo andar, onde havia os dormitórios. Voltando ao térreo, na extrema direita, existia um grande quadro repleto de cartazes de busca, captura ou execução de alvos; e, poucos passos à frente, uma balconista solitária registrava os pedidos aceitos.

A organização estava muito movimentada, cheia de pessoas e criaturas distintas conversando entre si; discutindo suas últimas lutas, decidindo as próximas, ou simplesmente se divertindo entre amigos. O dia estava quase na metade, o que fazia aquela agitação ser justificada com o almoço.

E no meio, mas simultaneamente distante do resto das pessoas ali, se encontrava uma mesa com somente uma criatura sentada; tendo uma única criatura sentada. Era um raaksha, porém, diferente de como devia ser. Em vez dos mais de dois metros de altura, esse tinha a estatura humana. Sem os braços fortes e pele levemente avermelhada. Seus vetores se mantinham escondidos nas costas, dobrados por baixo da roupa. Ao contrário do esperado, não comia enormes porções de carne — ou um animal cru inteiro —, apenas partes pequenas, e necessariamente cobertas por vegetais

em excesso. Algumas vezes, observava os outros ao redor conversando alto. Ele tentava se convencer de que não se importava muito com isso, quando, na verdade, era o que mais desejava.

Forçava seu rosto amarrado a se concentrar no prato quando sentiu um leve empurrão em sua cadeira. No mesmo instante, ouviu um calmo começo pedido de desculpas vindo de quem esbarrou, então, quando virou o rosto para aceitá-las, viu a escusa ser interrompida, enquanto a feição do indivíduo que lhe havia esbarrado se transformava em um olhar de desprezo com qual já estava bem familiarizado. Como das outras vezes, apenas voltou ao que fazia, forçando-se a acreditar que o insulto não significava nada.

Minutos se passaram, e o raaksha, após comer e descansar um pouco, procurava por uma missão em meio aos montes de cartazes no mural da guilda. Existiam serviços de todos os tipos: desde procurar por animais perdidos até derrotar espíritos de demônios que viviam aos pés de uma montanha caída. Cada um tinha o preço proporcional a sua dificuldade e generosidade do cliente. Alguns estavam lá há tanto tempo que eram comumente sobrepostos por outros, que não permaneciam por mais de uma hora. O raaksha passava os olhos por cada folha, procurando por uma missão rápida. Era realmente muito difícil de escolher, pelas melhores já terem sido pegas no início do dia.

Enquanto observava os cartazes, ouviu uma voz pedindo por licença. Acreditou ser mais uma pessoa querendo espaço, não desejando **ficar próxima de um “carniceiro”**. **Respirando fundo, ele apenas deu um passo ao lado e manteve a concentração.**

Porém, ouviu um segundo pedido, dessa vez o fazendo virar um pouco e enxergar uma feição diferente da costumeira:

Era alguém que veio de longe. Sua estatura era idêntica à de uma humana com duas décadas de idade. Seu cabelo tinha várias tranças que terminavam gentilmente atrás da cabeça, formando uma maior; a roupa, feita de tecidos muito bem costurados, e com detalhes quase impossíveis para mãos humanas. Nas costas, um arco e uma aljava cheia de flechas — como era de se esperar de alguém da sua raça —. Suas orelhas pontudas a denunciavam como uma elfa.

Incomum a como todos tratavam o raaksha, ela sorria como uma criança:

— O senhor é um campeão, não é?

Ele a observou por um instante, desacostumado com a gentileza. **Quase imóvel, respondeu que “sim”, vendo-a ficar rapidamente animada.**

— Sou nova nisso. Faz pouco tempo que *saí* de casa; então, nunca tive uma missão. — A elfa continuou a falar com a vergonha escondida pela espontaneidade. — Prazer, meu nome é Abigail — sorrindo e de olhos fechados, estendeu a mão em sinal de amizade.

O raaksha notou a inexperiência da outra em entregar informação em excesso para um desconhecido. Pensou ser uma armadilha, por muitos não gostarem dele. Mas, podia sentir a sinceridade na disposição dela, ainda que desacostumado a ler algo assim. Meio sem jeito, estendeu a mão à elfa; que a apertou e chacoalhou.

A arqueira permaneceu olhando o campeão desconfiado, esperando que se apresentasse.

— Sou um raaksha. — Ele respondeu direto entendendo o desejo da elfa.

Abigail ficou confusa. Não conhecia nenhuma raça diferente das que convivia.

Balançando infantilmente o corpo, a arqueira aguardou por um momento, não sabendo como continuar a conversa. O raaksha já voltava ao quadro, mas a elfa ansiosa o tomou a atenção mais uma vez:

— Posso ir em uma missão contigo? — mostrou um pouco de timidez, corando o rosto e não o encarando aos olhos.

Ele não entendeu o motivo do pedido, e a viu se apressar nas explicações:

— Sei usar um arco — retirou a arma incrivelmente entalhada das costas e o mostrou. — Também sei lutar — demonstrou a confiança de uma criança que mal sabia dos perigos em uma missão.

O raaksha “gostava” de sair em missões sozinho... Ao menos, era o que se forçava a acreditar. Não sabia como lidar com um grupo; ou com qualquer outra pessoa. Voltou a ideia de que “Abigail” o atraía para uma armadilha, mas estava incerto que alguém se daria ao trabalho de montá-la.

— É melhor não. Pode ser perigoso — respondeu sem demonstrar sentimento, escondendo o motivo verdadeiro.

Ela franziu as sobrancelhas, ficando com o rosto terrivelmente fofo. Via que todos os outros na guilda estavam com um grupo formado e, mesmo que parecessem mais amigáveis que aquele “raaksha”, ainda tinha vergonha de pedir para se juntar por parecerem muito experientes. Encarando seu alvo retirando um dos cartazes, seguia a linha de raciocínio que se ele andava sozinho, devia ser muito forte; algo que a gerava uma certa segurança.

Ele se distanciou da arqueira e foi ao balcão para entregar um dos anúncios à recepcionista; que, por sua vez, registrou a missão aceita. Curiosa, Abigail espiou o folheto. “Ordock” e “Trolls”, foi o que leu abaixo da gravura. Chegando mais perto, ela começou a insinuar:

— Sabia que um troll é uma criatura das *sombras*? E *eu* sou uma elfa, uma criatura da *luz*.

O raaksha apenas assinou o contrato e a ignorou.

— Luz vence as sombras, sabia? Seria muito útil ter alguém como *eu* no grupo — insistiu, não vendo resultado.

Ele agradeceu a balconista e se retirou. Tentando não fazer amizade com a que sugestionava, foi em direção a saída, seguido por várias tentativas de persuasão. Então, tendo um ultimato a sua fala, a arqueira viu a porta fechar em sua frente. Frustrada, Abigail abaixou a cabeça. Viu a que considerava sua única chance se romper em poucos segundos. Devagar, abaixou as mãos, tocando em algo preso ao cinto. Sentindo o relevo do objeto misterioso, bateu um pé em objeção.

— Ele é bem sozinho. — A balconista tomou toda a atenção da arqueira. — Nunca sai acompanhado em uma missão.

— Por que eu não estou surpresa? — encheu de sarcasmo a frase, notando apenas agora o rosto simpático da atendente: não se parecia muito mais velha que a arqueira revoltada; tinha cabelos castanhos, olhos escuros atrás de óculos pequeno e uma roupa bem arrumada, representando toda a guilda onde estavam. A mulher mantinha uma postura disposta. Se apresentando, a elfa estendeu a mão sobre o balcão. — Abigail.

— Emma — respondeu o aperto, dizendo seu nome. — Você não é daqui, é?



— Sou do oeste, da Yggdrasil — respondeu com o entusiasmo de antes. — Como soube que não sou daqui? — estreitou as vistas mais uma vez, pensando que a balconista era uma maga; ser comum na Grande Árvore.

— As pessoas daqui são mais reservadas com os estranhos. — Emma sorriu. — Além de ser a primeira que vejo alguém que se apresenta assim.

A arqueira não soube o que dizer, arregalando os olhos. Essa era a maneira que acreditava ser feita por todo o “mundo exterior”. Seu riso vergonhoso denunciou o amorismo que julgava esconder até então. Logo pensou ser por esse motivo que o “*raaksha*” resolveu evitá-la.

— Como eu disse, ele é bem sozinho. Mas, acho que devia segui-lo. — Emma deixou a arqueira surpresa. — Talvez o que falte naquela cara séria seja alguém como você.

## Uma hora depois

O raaksha andava em uma trilha antiga. Agora, em ambos os lados, existiam apenas extensas planícies com colinas muito distantes. E, além delas, campos antigos e abandonados. O andarilho sentia o vento calmo ao rosto junto ao silêncio, algo impossível de se conseguir com o barulho e diversos cheiros da cidade. As viagens eram o alívio de seus dias, o fazendo se sentir livre do que o diziam e como o tratavam; além disso, o distanciava até de quem ele era. Naquele momento havia apenas a paz junto dele... ou, ao menos, era o que pensava.

Após passar por uma vila abandonada, escutou passos não muito distantes. Alguém se espreitava entre escombros, tentando enganar a percepção do raaksha. Mas, enquanto se escondia, era tão discreto quanto um

relâmpago. O espião acreditava ser um mestre em se esconder, enquanto o raaksha o havia notado há muito tempo.

Parando por um momento, o campeão enfim viu que não havia nenhum outro lugar para seu perseguidor se esconder, por estarem em uma área aberta. Sem se virar, segurou fortemente sua sacola ao corpo.

— Elfa. — Ele disse em tom sério. — Você está me seguindo. Por quê?

Ao ouvi-lo, um arbusto próximo se mexeu, ficando estático o mais rápido possível.

— Sei que está aí. — O raaksha virou na mesma direção, sem dificuldade para revelar onde ela estava.

Devagar, o rosto envergonhado e confuso de Abigail saiu de trás do arbusto, evitando encarar o campeão.

— Quando me descobriu? — perguntou, acreditando que ele era um excelente observador por notar a presença de um ser tão sorrateiro quanto um elfo.

— Desde quando saímos da guilda. — Sua resposta instantânea a fez corar. — Por que está me seguindo? — segurou a alça de sua sacola.

A arqueira olhou para os lados, tentando criar uma mentira. Depois de alguns segundos, escondeu as mãos atrás das costas e chegou a uma conclusão:

— Estou em uma missão, como você — manteve o rosto orgulhoso, tentando enganar o viajante experiente.

— Qual missão? — notou o óbvio fingimento.

Mais uma vez, Abigail pensou por um instante antes de responder:

— Estou atrás de... Ladrões? — Virou levemente cabeça. — Ladrões!

— E onde estão? — cruzou os braços.

— Eles estão em... — Ela parou por segundos, procurando os nomes que conhecia dos locais próximos de onde estavam. — Relicta!

— “Relicta”?

— Sim. — Nem ela sabia de onde vinha a certeza que demonstrava.

— Sabe a vila que acabamos de passar? — O raaksha apontou para o sul, onde ainda se via boa parte das ruínas. — Aquela é Relicta. — A viu arregalar os olhos em surpresa. — Não havia bandido algum.

— Já passamos por ela? — Por algum motivo, a Abigail insistia, fazendo o viajante se estressar, mesmo que não o suficiente para afastá-la.

— Por que você quer tanto vir comigo? — cruzou os braços, já exausto com o teatro.

— Quero virar uma campeã! — respondeu como uma criança. — Quero voltar para casa com as pessoas sentindo orgulho de mim. — Seu rosto ficava receoso enquanto falava a verdade. Pela vergonha, puxou e abraçou o arco. — Quero que minha irmã tenha orgulho de mim.

As palavras confusas da elfa fizeram com que o raaksha amolecasse sua decisão. Sua raça não carregava esse laço afetivo. O que sentia era apenas um vazio no peito; que o lembrava incessantemente que nunca teria os mesmos laços de Abigail.

— A sua irmã deve te amar. — Ele falou descruzando os braços e demonstrando um pouco de afeição. — Estranho ela te deixar sair sozinha.

— Não deixou. — Abigail virou rosto sorridente, não notando a empatia do campeão.

— Você fugiu? — se arrependeu, sentindo-se enganado.

— Não... — parou por poucos segundos. — Na verdade, sim.

Imediatamente, o raaksha voltou ao caminho, abandonando a elfa indecisa. Percebendo a distância, ela correu para alcançá-lo:

— E se eu matar os Trolls contigo? Depois volto para casa com algum troféu. Como uma clava, ou um dente! Depois disso, nunca mais precisará me ver — ressuscitou a barganha.

O campeão apenas continuou seguindo e a ignorando a todo custo. Quanto mais a elfa chegava perto, mais ele acelerava o passo. Ela era ágil, e seu andar parecia pulinhos que rondavam as pernadas pesadas e concentradas do raaksha.

Após minutos com seus pedidos ignorados, Abigail fez silêncio, deixando o outro parcialmente voltar à paz que sentia antes da intromissão. Então, sem motivo algum, ela começou a assobiar. Era uma tarefa árdua seguir a estrada com uma alma tão agitada feito aquela. O raaksha não sentia raiva, e muito menos ódio da *insuportável* que o seguia. O sentimento cabia mais para preocupação. Ele estava indo para Ordock, uma pequena floresta aos pés de uma montanha. O território não seria problema algum para a elfa que vinha de um lugar semelhante. O obstáculo eram as criaturas que habitavam lá.

Vendo que o diálogo comum não resolveria o problema, ele parou. Abigail interrompeu a doce música e o observou atentamente.

— Esqueça essa ideia — ultimou o raaksha. — Sabe o que Trolls são capazes de fazer? — E elfa balançou a cabeça, se sentindo um pouco assustada com a reação repentina. O campeão suspirou, tomando um tom sombrio e triste: — Eles são como demônios, e não se importam com o que destroem. Apenas aparecem, tomam e vão embora com o que conseguirem

carregar. — Um miasma emanou de sua fala. — E, o pior de tudo, sabe o que fariam com uma elfa igual a você?

A arqueira continuou o olhando por um instante sem reagir às palavras. Sentia o que ele queria dizer, mas se recusava a pensar naquilo. Apenas a vista de relance sobre aquela emoção perturbada foi suficiente para fazer sua espinha arrepiar. Mas, Abigail recusava receber um “não”.

— Um dente de troll; e você fica com o dinheiro. — Ela respondeu, mantendo a teimosia para convencê-lo; tentando imitar a seriedade dele. — O que acha?

O raaksha voltou a caminhar acelerado. Não entendia de onde vinha tanta ingenuidade. A elfa, permaneceu o seguindo, quase correndo para acompanhá-lo. Ele queria livrá-la daquele risco, mas sabia que era algo impossível. Impotente sobre os atos dela, via que o máximo que podia fazer era aceitá-la em seu destino. Mesmo que fosse uma companhia muito barulhenta e inexperiente, ainda era uma companhia. De qualquer forma, teria de protegê-la na missão; e isso seria algo que não estava acostumado a fazer.

— Sabe porque eu te escolhi? — iniciou Abigail. — Todo mundo naquela guilda parecia ter alguém próximo, menos você. Estava sozinho, sem nenhum companheiro. — A fala fez o raaksha se sentir mal; era verdade, mas ouvir feria profundamente. Até que ela concluiu: — Você parecia livre, sem ninguém para te impedir de fazer o que queria. E, é assim que eu quero ser. Eu soube que você era meu objetivo quando percebi isso. — Ele não a entendeu de imediato, concentrando-se mais na fala. — Quero ser assim quando a minha irmã me vir de novo. — A elfa não sabia mais o que dizer, mas notou o efeito positivo em seu “amigo”. — Obrigada por ao menos estar comigo, senhor “Raaksha”.

Devagar, o campeão desacelerou os passos, junto de seus pensamentos perturbados; até que finalmente parou, deixando a elfa atenta.

— Meu nome é Glen — disse sem muito sentimentalismo.

Mesmo envergonhada, Abigail ficou feliz em ouvir o nome de seu companheiro. Antes de iniciar outra conversa, foi interrompida por ele:

— E, nós chegamos.

Concentrando-se ao fim do caminho aberto, ela viu uma extensa floresta aos pés da montanha. Suas árvores, comuns no começo, aglomeravam-se, tornando seu interior sombrio. A trilha, antes larga, afunilava-se ao fundo. Ela permanecia quieta e paciente, os convidando ao seu interior. Retomando a atenção de Abigail, Glen terminou:

— Essa é a Floresta de Ordock, o nosso destino.

# Extras e referências

“Eu vi coisas e lugares que não deveriam ser guardados apenas nas memórias.”

— *G.*

# Claire

Prólogo

Lar

**“Duzentas primaveras”**: kohanianos comumente contam o tempo por estações ou raramente por “primaveras”.

**“conjunto de países entendidos como Kohan”**: Kohan é mais entendido como um conjunto de países aliados fortemente unidos. Essa relação foi se tornando tão próxima com o passar dos séculos que a “Capital” foi construída, sendo financiada por todos eles, funcionando como um parlamento.



# Glen

## Prólogo Castigo

**“[...] conflito entre a Mão Santa e Widerstand”**: eu realmente queria comentar sobre isso, mas é impossível sem que haja spoilers.

**“A grande Yggdrasil definia com suas raízes a fronteira inquebrável entre o leste e oeste”**: o principal lar das criaturas mágicas das Terras do Leste e a responsável pela aproximação do reino material e etéreo. Tem a aparência de uma enorme árvore com o caule trançado (como a mistura entre um matusalém e um carvalho), porém é tão grande que sua copa ultrapassa as nuvens e suas raízes envolvem montanhas. O nome é uma referência proposital à árvore sagrada na religião da antiga Midgard.

**“[...] as guildas que apenas recrutavam humanos, agora se abarrotavam com pedidos para captura ou extermínio de seres malignos como Trolls, necromantes ou dragões”**: sim, é o mundo perfeito de um RPG.

## Capítulo I

# Família

**“Ao contrário do esperado, não comia enormes porções de carne [...], apenas partes pequenas, e necessariamente cobertas por vegetais em excesso”**: note como esse butcher em especial sempre procura se distanciar do seu comum animal. Isso será recorrente.

**“Existiam serviços de todos os tipos: desde procurar por animais perdidos até derrotar espíritos de demônios que viviam aos pés de uma montanha caída”**: fui muito específico na segunda parte. Não foi um erro de continuidade.

**“Sua raça não carregava esse laço afetivo”**: raakshas expulsam os filhotes para longe do ninho quando alcançam a capacidade de se alimentar sozinhos — por volta dos dois anos de idade —.

**“(Abigail) Sentia o que ele queria dizer [...]”**: alguns seres, como os elfos de luz, conseguem sentir as emoções dos outros, as vezes até as interpretando em imagens, lendo os pensamentos caso as sensações sejam muito fortes.

# Glossário

**Berserkers:** “*demônios blindados*” ou aqueles que carregam o “Sangue de Udra”. São criaturas reptilianas que integram a linha de frente dos exércitos de Kohan, capazes de derrotar sozinhas cem soldados com armadura. Trata-se de uma espécie de vírus que transforma as unidades nesses monstros quando gravemente feridos. Tanto em forma humana quanto de besta, as unidades ganham uma regeneração muito alta, além da capacidade de envelhecer ser retardada, considerados até imortais. Seu nome é inspirado nos antigos guerreiros das Terras Cinzentas pela sua insanidade e brutalidade no campo de batalha.

**Buda:** nível superior ao humano comum na Religião de Lótus. Iluminado.

**Carma:** comumente usada em Lotus, pode ser conhecida como “A Lei do Retorno”; onde, qualquer ação (boa ou má) gera uma reação igual ao causador.

**Crise de Kohan:** período anterior a Retomada, com o auge no final.

**Fera de Kohan:** ou simplesmente “*Fera*”. Não se sabe muito sobre ela, apenas que foi a responsável pelo nascimento do primeiro guerreiro berserker.

**Floresta:** com “F” maiúsculo. Nos mapas políticos humanos está dividida por outros reinos, mas aos habitantes do arvoredo, é um país único.

**Ko Dark:** um dos biomas da Floresta; seu nome significa “Área Sombria” em kohanian. *Possivelmente* haverá uma Lenda que contará mais sobre.

**Kohan:** ou o “*Reino dos Berserkers*”. É um grande conjunto de países menores unidos descendentes dos vikings; sendo reconhecidos pelo uso militarizado dos berserkers. O significado de seu nome representa a maioria das terras: em kohanian, “ko” significa “terra” ou “luga” e “han”, “colina” ou “pequeno monte”.

**Kohanian:** idioma de Kohan. Na tradução literal: “ian” significa “dialetō”.

**Kohaniano/a:** habitante de Kohan.

**Midgard:** ou “Ilhas Cinzentas” era como eram chamadas as terras dos vikings antes de sua queda.

**Raaksha/Butcher:** criaturas descendentes de antigos humanos. Sua história é bem longa, por isso não será contada agora. O nome seria “raakshas”, porém, devido ao “s” ao final, seria fácil de confundir como uma palavra em seu plural. Butcher é apenas uma variação conhecida pelo Continente.

**Reino Etéreo:** ou “mundo/camada/nível” etéreo, é a dimensão espiritual paralela com o mundo físico/material. Onde principalmente habitavam as criaturas mágicas antes do surgimento da Yggdrasil.

**Religião de Lótus:** crença presente ao leste e extremo leste das Terras do Leste. Acreditam que o ser humano deve evoluir sua percepção de forma pacífica, tornando-se assim um Buda.

**Retomada de Kohan:** o período histórico onde Kohan avança reconquistando suas antigas terras — o equivalente à metade do seu terreno primário —. Durando propositalmente exatos quinhentos e dezoito anos

— ou apenas “quinhentos” como é normalmente arredondado —, pois simboliza o mesmo decorrer de sua antiga e parcial queda. A retoma foi possível apenas pelo nascimento do primeiro *soldado* berserker. Haverá uma lenda apenas sobre isso, não se preocupe.

**Rúnico:** idioma viking, composto de runas para o alfabeto.

**Vapor de berserker:** quente; ele aparece quando se inicia ou termina a transformação. No início fazia uma referência ao Imortal do mangá que leva o mesmo nome dos guerreiros blindados, mas tudo foi ficando tão complexo que adquiriu um significado próprio.

**Wolfhi:** ou “O Reino dos Lobos”; historicamente a terra que teve o maior conflito com Kohan, conquistando metade de seu território original. Está localizada ao norte do Reino dos Berserkers, reconhecida pela eficácia de seus espões.

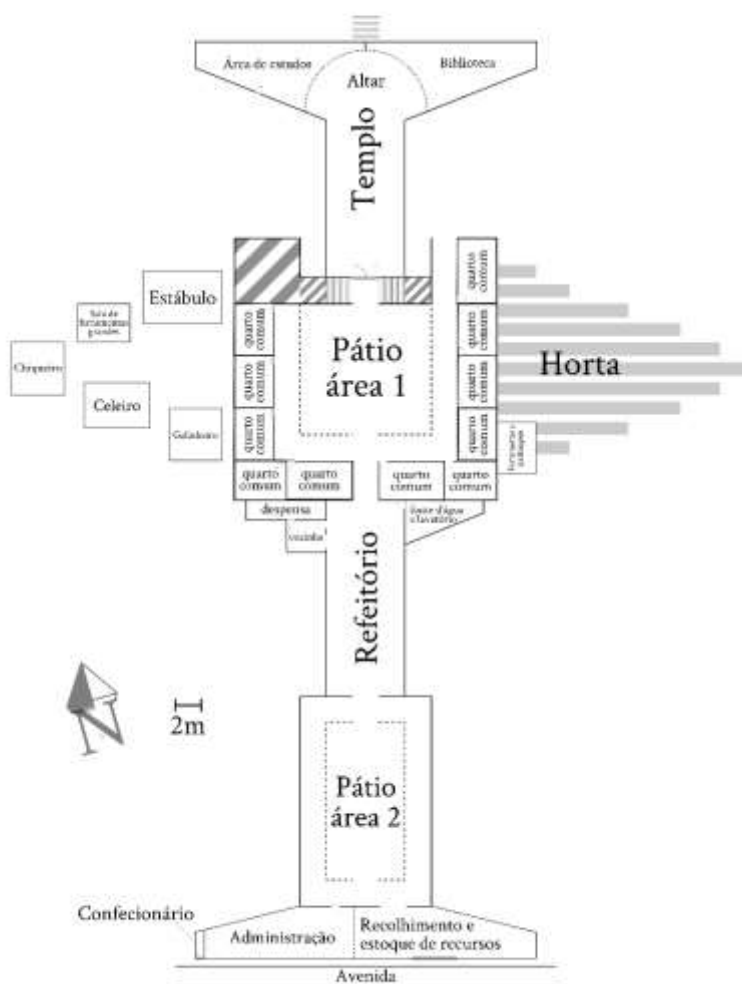
# Mapas e Plantas

Existem alguns cenários em Dentes & Garras que são bem mais desenvolvidos do que o contado na história e, vendo que eu estava aprendendo sobre desenho digital e sempre gostei de desenvolver plantas, decidi colocá-los aqui.



# ՀՆՈՒՍՈՒԿ

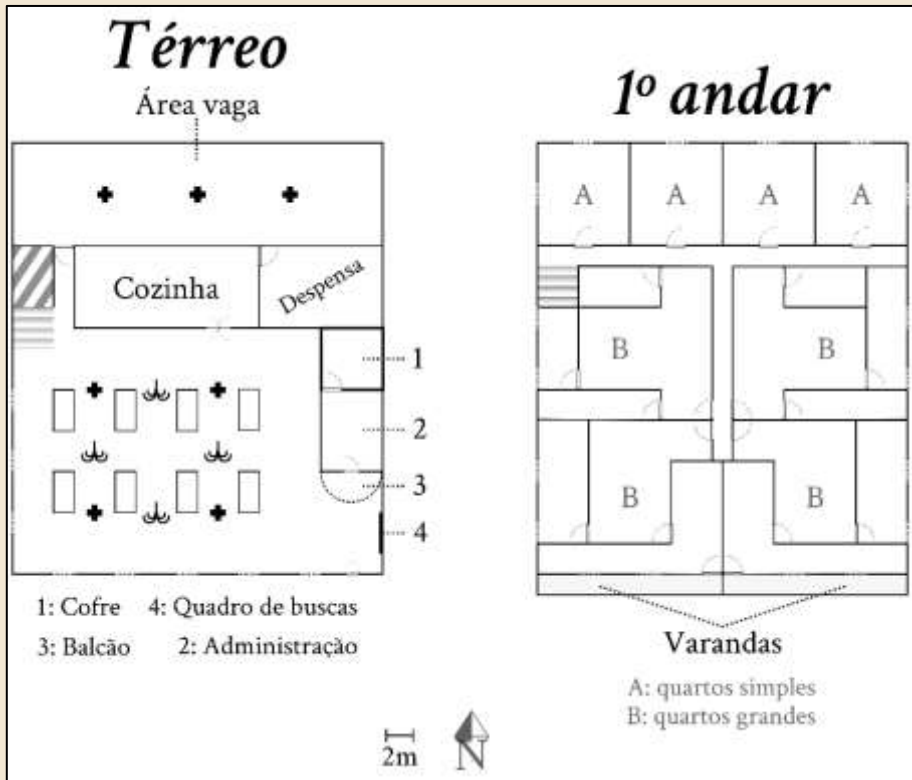
## Térreo





# Guilda

Sinto vontade de contar o nome da cidade da guilda onde Glen trabalhou. É até melhor que eu chame o edifício apenas de “guilda” por agora. Toda a planta também é bem autoexplicativa.



# Hugel

Hugel era uma pequena vila aos pés das montanhas, lembrada até então por uma única pessoa.

A curta cadeia de picos é extremamente baixa, tendo em média quinhentos metros de altura, e o formato parece artificial, como se fossem criadas de maneira diferente.

Abaixo do campo de girassóis, a vila foi construída ao redor de um bosque artificial com a intenção de corte.

A casa de Claire era a penúltima na esquerda representada no mapa.

A estrada que corta a rua da vila se inicia a noroeste e termina ao leste da vila.

A bacia hidrográfica presente ao redor das montanhas é chamada de Tár, seguindo seu fluxo principal em direção ao leste.

Mais em

[lendasdocontinente.com](http://lendasdocontinente.com)